

## NOEMI JAFFE: A EPIFANIA A PARTIR DO CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR

Josilene Moreira Silveira (UFMS)<sup>1</sup>

**Resumo:** No conto “O que vou fazer eu?”, de Noemi Jaffe, publicado na coletânea *Não está mais aqui quem falou* (2017), a proposta é contar aos leitores o que aconteceu com Ana e o cego, personagens de Clarice Lispector, não revelado no conto “Amor”. Um episódio específico deste enredo parece a ter instigado: o momento em que Ana está no bonde e avista o cego. Por isso, os elege como tema de seu conto, com a proposta de revelar o que teria acontecido com estas personagens, logo após o saco de tricô cair no bonde. Diante disso, este trabalho visa analisar como Noemi Jaffe se apropria da narrativa de Clarice para construir seu próprio enredo para estas personagens.

**Palavras-chave:** Noemi Jaffe; Clarice Lispector; Conto; Paródia.

### Introdução

Em 2017, Noemi Jaffe publica a coletânea de contos *Não está mais aqui quem falou*. A obra reúne 40 textos que evidenciam olhar singular em relação à língua e a literatura. A escritora busca o experimentalismo da expressão, a etimologia e significado das palavras, rumo a novas possibilidades de sentidos, no qual linguagem e literatura assumem um processo de autorreflexão.

Noemi Jaffe é também crítica literária, professora e Doutora em Literatura Brasileira. Ministrou cursos sobre a obra de Clarice Lispector, como *A legião estrangeira*, *A hora da Estrela*, *A Paixão segundo G.H.*, e sobre o conto “Amor”, publicado na coletânea *Laços de Família*, fato que evidencia o conhecimento e admiração pela renomada escritora.

Em entrevista, ao ser questionada sobre quais seriam suas personagens favoritas na literatura, aponta entre elas Ana, a protagonista do conto “Amor” (JAFJE, 2015b). Esta personagem é uma dona de casa, que tem o cotidiano preenchido pelas atividades do lar. Certa hora do dia lhe causa inquietação, pois é o momento em que o trabalho cotidiano não lhe ocupa a mente e pode, assim, refletir sobre a vida, o que lhe causa inquietação.

Apesar de reconhecer a influência em sua escrita, Noemi Jaffe rechaça a denominação de “clariceana”, pois acredita que isso mataria o amor que tem pela escritora:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (UFMS). Contato: josilenemoreirasilveira@gmail.com.

Clarice Lispector é um patrimônio da literatura brasileira e mundial; é algo único, que ocorre muito raramente na história e acredito que ela venha a ser tão valorizada, no futuro, quanto Virginia Woolf e Katherine Mansfield, por exemplo. Uma mulher e autora muito à frente de seu tempo, sobre quem ainda vamos descobrir muitas coisas. Me identifico demais com ela (eu e a torcida do Corinthians!). Com seu adensamento, sua capacidade absurda de combinar palavras inesperadas (“ângulo quente”), sua forma de penetrar a psicologia das personagens sem jamais ser psicologizante, sua construção de cenas, sua forma de problematizar a mulher burguesa de meia-idade. Clarice inventa pessoas que existem, é maravilhoso (NOEMI, 2017a).

Assim como Noemi Jaffe, a narradora do conto “O que vou fazer eu?”, nos revela que é leitora da narrativa de Clarice Lispector “há vários anos” (NOEMI, 2017b, p.17). Isso pressupõe uma interação com o texto ao longo do tempo e, considerando que a bagagem de conhecimento do indivíduo altera-se no decurso temporal, a experiência de leitura nunca será a mesma. Desse modo, nos questionamos o que teria levado essa leitora a voltar diversas vezes a esse texto.

O processo de leitura, na perspectiva de Iser (1996, p. 88), ocorre mediante o preenchimento dos vazios constitutivos do texto por projeções do leitor. Nos textos ficcionais, a “conectabilidade” dos esquemas do texto interrompida pelos vazios é mais variada, logo exige maior participação do leitor, ampliando as possibilitando de sentidos (ISER, 1996, p. 108). Os vazios, assim, constituem a própria “atividade imaginativa do leitor” (ISER, 1996, p. 120).

Sob este aspecto, como a obra literária se abre a mais possibilidades de sentido do que os textos cotidianos, é preciso acrescentar ainda que alguns exemplares parecem exigir mais essa participação do leitor do que outros, devido às suas indeterminações, como é o caso da obra de Clarice Lispector que instiga questionamentos e diferentes interpretações até hoje.

Esses pontos de indeterminação parecem ter sido o ponto de partida e a motivação para a escrita de Noemi Jaffe, considerando que há certa projeção da escritora nessa personagem narradora em primeira pessoa, como observamos nas expressões: “Eu mesma”, “Fiquei bem perturbada”, “Aguardei ansiosa”, entre outras. E um episódio específico deste enredo parece a ter instigado: o momento em que Ana está no bonde e

avista o cego. Por isso, os elege como tema de seu conto, com a proposta de revelar o que teria acontecido com estas personagens, logo após o saco de tricô cair no bonde.

O conto de Clarice Lispector se abre a inúmeras interpretações. Análises sobre personagens, espaço, tempo, epifania, narrador, entre outros elementos semânticos e estruturais têm demonstrado isso. Desse modo, este trabalho visa analisar como Noemi Jaffe se apropria da narrativa para construir seu próprio enredo para Ana e o cego, considerando que uma epifania pode se delinear no encontro dessas personagens. Ou seria a protagonista de Noemi Jaffe que tem uma grande revelação?

### **Análise comparativa entre os contos “Amor” de Clarice Lispector e “O que vou fazer eu?” de Noemi Jaffe**

No conto “Amor” de Clarice Lispector, a personagem Ana tem uma visão que a perturba: um cego mascando chicletes. Essa cena tem efeito intenso sob a personagem, que deixa a sacola cair no chão, quebrando os ovos. O cego, ao mascar chiclete, parece sorrir e isso lhe parece ofensivo. Instaura-se um mal-estar que a deixa desorientada. Esquece inclusive de descer no ponto de costume.

Ao sair do bonde, tenta encontrar algum lugar familiar, quando se depara com o Jardim Botânico. Ali sentada, perde-se em pensamentos e, ao regressar de sua reflexão, é tomada por sentimento de culpa ao lembrar-se dos filhos e marido. A dúvida se instaura: deixar ou não o lar. No entanto, a sensação de conforto vinda da família aos poucos lhe devolve a serenidade. E afunda-se novamente em seu cotidiano.

Noemi Jaffe em seu conto “O que vou fazer eu?”, parodia a narrativa de Clarice Lispector. O conceito de paródia adotado distancia-se do sentido comum de mera imitação ridicularizante para compreender, na concepção de Hutcheon (1985, p. 17), “[...] uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado”. Nesse caso, não objetiva escarnecer o texto, mas utilizá-lo como pano de fundo para sua construção literária.

A estrutura narrativa se dá inicialmente ao modo de “colagem” de parte do texto de Clarice Lispector:

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. [...] o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o

pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados (JAFFE, 2017b, p. 100-101).

É a partir deste trecho que a narradora irá nos contar o que aconteceu com as personagens após este incidente e que teria sido omitido da narrativa original.

Essa técnica de apropriação de textos consagrados não é nova. Vários escritores, na história da literatura, se valeram dela, sem ao menos citar as obras de referência, como é o caso do conto “Pierre Menard, autor do Quixote” de Jorge Luiz Borges, em que o narrador copia parte do romance *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes que, por sua vez, já seria a tradução de *D. Quixote de La Mancha*, escrito por Cide Hamet Benengeli. Por isso, falar de plágio no caso de obras ficcionais é complexo, pois envolve um jogo de sentidos entre autor e leitor que é apenas projetado no texto.

Nesse caso, não se trata simplesmente de uma cópia de outra obra, mas a apropriação do texto do outro como técnica de criação literária. Na concepção de Barthes (2012, p. 62), o texto é um “[...] espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original”. Assim, defende a morte do “autor” em favor da figura do “escritor”, aquele que cria o novo a partir de arranjos e combinações do já existente.

Na narrativa de Noemi Jaffe, a paródia é possível, devido ao caráter de legitimação do conto de Clarice Lispector. Trata-se de um texto conhecido, discutido e até fruto de diversas contendas literárias. As personagens adquirem certa autonomia, como se pudessem viver para além do texto literário, o seu caráter universal faz com que representem indivíduos e anseios em diferentes tempos e espaços.

A apropriação do conto “Amor” é consciente, numa tentativa de tentar preencher as lacunas ali deixadas e que a inquietam enquanto leitora. Além de mencionar a autoria do texto e tornar a escritora personagem de sua narrativa, Noemi Jaffe discute os recursos empregados na estruturação narrativa, num processo metaficcional: “Tudo isso Clarice Lispector nos conta, no tão conhecido conto ‘Amor’, de onde esse trecho foi extraído” (JAFFE, 2017b, p. 101).

Hutcheon (1985, p. 11) observa que as artes em geral têm buscado “[...] incorporar o comentário crítico dentro das suas próprias estruturas”, num processo constante de autorreferência. Nessa perspectiva, a autorreflexão adquire muitas vezes na

arte moderna a forma de paródia, podendo fornecer novo modelo para os processos artísticos. No caso do conto aqui discutido, a autora opta por situar o leitor sobre o percurso de construção textual.

Se não o mencionasse e o indivíduo não tivesse lido a narrativa de Clarice Lispector, não teria o conhecimento necessário para identificar o recurso paródico. Isso eliminaria parte significativa da forma e do conteúdo do texto, pois, segundo Hutcheon (1985, p. 50), “[...] se o decodificador não reparar ou não conseguir identificar uma alusão ou citação intencionais limitar-se-á a naturalizá-la, adaptando-a ao contexto da obra no seu todo”.

Nesse sentido, a paródia se assemelha a metáfora: “Ambas exigem que o decodificador construa um segundo sentido através de interferências acerca de afirmações superficiais e complementa o primeiro plano com o conhecimento e reconhecimento de um contexto em fundo” (HUTCHEON, 1985, p. 50). Assim, há um apelo do autor no sentido de confiar na competência do leitor para reconhecer esse texto parodiado.

A escritora tenta resolver a questão inserindo pistas que guiam essa leitura. Contudo, isso não substitui a leitura da narrativa original. Esse “leitor ideal”, projetado na escrita, precisa ter lido a narrativa primeira para fazer as inferências necessárias a completar os sentidos do texto. Uma espécie de pacto ficcional é criado entre o leitor e a narradora a ponto de suspender o enredo, por meio do uso de parênteses, para explicar os motivos que teriam levado Clarice Lispector a suprimir este episódio:

Pode mesmo ser que Clarice tenha saltado essa parte em nome da economia narrativa, a fim de guardar a verdadeira epifania do conto para uma passagem posterior, que ocorre dentro do Jardim Botânico, quando Ana depara com visões luxuriantes da vegetação do parque [...] (JAFFE, 2017b, p. 101).

Mais a frente, revela ainda por que tem conhecimento destes fatos: “Eu mesma só sei de tudo isso porque, casualmente, me encontrava no mesmo ônibus que Ana e, por mera curiosidade, acabei seguindo-a” (JAFFE, 2017b, p. 101). Momento em que se fecham os parênteses.

Na paródia, Ana, logo depois de deixar cair o saco de tricô no chão, acena para o motorista parar o bonde e desce correndo em direção ao cego que estava parado no

ponto de ônibus. Este se assusta e tenta se equilibrar. Ana desculpa-se por tê-lo assustado e também tenta se recuperar da atitude impulsiva que tivera. Em seguida, fica pensativa, lembrando-se dos ovos que haviam caído e “levemente” do jantar que teria de preparar, o que neste enredo não parece a perturbar tanto.

Em sentido amplo, a história de Ana é a de muitas mulheres submetidas a certo “destino de mulher”. A necessidade da protagonista de Clarice Lispector de afirmar a escolha de seu destino revela inversamente sua condição de submissão:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. [...] Assim ela o quisera e o escolhera (LISPECTOR, 1982, p. 18-19).

A fragilidade de suas convicções é revelada “certa hora do dia”. Quando as atividades domésticas não lhe consomem as energias, inquieta-se. É num desses momentos que se depara com o cego que mascava goma: “O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. Quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio” (LISPECTOR, 1982, p. 20).

É como se Ana se reconhecesse no cego a escuridão em que vive e a tarefa repetitiva de mascar chiclete com suas atividades rotineiras e sem sentido: “O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito” (LISPECTOR, 1982, p. 21). A protagonista de Clarice Lispector não é capaz de atender a esse chamado e opta por permanecer na estabilidade de sua vida cotidiana. É uma mulher que estranha a condição imposta pela sociedade, porém não é capaz de romper com esse destino.

A Ana de Noemi Jaffe parece inicialmente atrapalhada e indecisa, “tinha envelhecido”, “estava cansada”, não sabe o que fazer quando esbarra no cego: “Desculpe, sou eu, quer dizer, o senhor não me conhece, não quis assustá-lo, descui esbaforida, esbarrei, não queria” (JAFFE, 2017b, p. 102). Contudo, de repente, ela “aprumou as costas”, “ergueu a cabeça” e “decidida” vai novamente em direção ao cego e despeja todos os seus questionamentos:

Por que o senhor masca chicletes, se é cego? Um cego não é uma pessoa séria, recolhido à sua entrega de não ver? Pode um cego, ao mascar chicletes, voltar, de alguma forma, a ver? O senhor por acaso sabe como tudo é fácil, para nós que enxergamos? Peço, por favor, que o senhor cuspa esse chiclete agora. Se a vida para um cego não for triste como eu pensava, o que vou fazer eu, com minha felicidade? (JAFFE, 2017b, p. 102).

Como se trata de mulheres situadas em épocas diferentes, a Ana de Noemi Jaffe é impulsiva e determinada a esclarecer os fatores que a incomodam, próxima da mulher contemporânea. O que ocorre, na acepção de Hutcheon (1985), é um processo de “transcontextualização” dessa personagem. Isto é, ela é trazida para um novo contexto histórico, social e cultural, logo irá carregar os anseios e reflexos de seu tempo.

O mesmo pode ser dito a respeito da narradora do conto de Noemi Jaffe, que se revela também impulsiva e “ousada”. Esta, apesar de ter acesso aos pensamentos e sentimentos de Ana, tem seu ponto de vista limitado em alguns momentos. Não consegue, por exemplo, ouvir a resposta do cego. Apenas visualiza que Ana sorri “[...] já bem mais corada agora, com o semblante apaziguado” (JAFFE, 2017b, p. 103). Os personagens apertam as mãos e se afastam. Ana toma o próximo ônibus e sai de cena.

Contudo, a narrativa não finaliza aqui. A narradora, levada pela curiosidade, se aproxima do cego para perguntar o que ele teria respondido a Ana. Ironicamente, a resposta contraria a expectativa criada no texto de Clarice Lispector, devido a sua simplicidade:

[...] Eu disse somente que, quando masco chicletes, sinto que a terra é redonda, consigo realmente perceber os contornos esféricos das coisas, o tempo passando, como se a goma fosse um condutor mastigável da passagem do tempo, como se tudo se suspendesse e voltasse, suspende-se e voltasse. Disse que me sinto um menino de novo e que esse elástico que mastigo me faz lembrar de alguns restos de borracha que meu pai deixava largados no quintal. Quando masco, me lembro dele. Também disse a ela que entre mascar chicletes e a cegueira não há relação alguma. E que ela fosse embora tranquila. Eu ainda sou infeliz. Ela pareceu ter gostado desta última parte. Apertou-me a mão e, sorrindo, partiu. (JAFFE, 2017b, p. 104).

Com esse desfecho, Ana segue sua história “em paz”. Um elo entre esta personagem e o cego parece se manter: ele ainda é infeliz, como se essa afirmação a confortasse em sua própria infelicidade. A partir de então, a narradora entende por que

Clarice Lispector optou por ter subtraído este episódio de seu conto. O motivo estaria na criação do efeito de epifania, tão conhecido em seus enredos. Numa espécie de “economia narrativa”, a escritora reserva a “verdadeira epifania” para o momento em que Ana está no Jardim Botânico.

De acordo com Massaud (1997), o conceito de epifania tem origem litúrgica, relacionada às festividades de aparição de Jesus Cristo aos gentios mediante os Reis Magos. James Joyce se apropria do termo em literatura para designar uma espécie de “iluminação”, “revelação” a partir de acontecimentos banais (MASSAUD, 1997), em que um simples fato pode desencadear no indivíduo uma transformação, uma epifania.

No conto, o processo de epifania está atrelado ao de estranhamento. De acordo com Noemi Jaffe a etimologia da palavra “estranho” é a mesma da palavra “extra”: “Extra significa o quê? Fora. Estranho é exatamente isso. É aquele que é de fora. Aquele que não pertence: o estrangeiro. O estrangeiro e o estranho são na verdade palavras sinônimas” (JAFFE, 2015a). Seguindo esse raciocínio, o efeito de estranhamento refere-se a um olhar de fora.

Esse conceito é proposto por Chklovski (1978), em *Arte como Procedimento*. Segundo o teórico, o “[...] procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (CHKLOVSKI, 1978, p. 45). Para tanto, é necessário desautomatizar a compreensão que se tem do objeto, olhá-lo fora de contexto (CHKLOVSKI, 1978). Assim, como o olhar do estrangeiro.

No conto de Noemi Jaffe, a narradora afirma que: “O efeito de estranhamento certamente não seria o mesmo, caso ela (Clarice) optasse por duas grandes epifanias numa mesma história” (JAFFE, 2017, p. 101). A epifania no conto de Clarice Lispector é motivada pelo efeito de estranhamento: Ana olha para o cego a mascar chicletes e a cena banal provoca-lhe estranheza. Contudo, apesar de a figura do cego levá-la a refletir sobre a própria cegueira, permanece no bonde e este segue seus trilhos, assim como a vida.

Por sua vez, a Ana de Noemi Jaffe, impulsivamente, para o bonde e desce correndo em direção ao cego, como se quisesse resolver todos os conflitos que a cena lhe causara ali mesmo: “Peço, por favor, que o senhor cuspa esse chiclete agora. Se a vida para um cego não for triste como eu pensava, o que vou fazer eu, com minha



felicidade?” (JAFFE, 2017b, p. 102). Nesse caso, ela interrompe os desdobramentos que o efeito de estranhamento poderiam lhe causar.

Outro fator interessante do enredo é que a narrativa não finda quando as dúvidas de Ana são sanadas, mas quando a narradora entende os motivos que teriam levado Clarice Lispector a omitir esse episódio. Ana sai de cena, mas os questionamentos do eu-narrador permanecem a constituir o enredo.

A curiosidade em saber o que teria ocorrido durante o diálogo leva a narradora a interpelar o próprio cego. Nesse momento, deixa o “olhar de fora” como vinha fazendo até então e passa a constituir o próprio enredo:

Desculpe, senhor. Sei que o senhor acaba de ser abordado por outra senhora e que talvez suas perguntas incisivas não tenham sido muito agradáveis. Mas não posso resistir. Sou leitora desta história há vários anos – quero dizer, a história de Ana, da qual o senhor casualmente veio a fazer parte e da qual, neste momento, talvez venha a se tornar um novo protagonista – e, por pura curiosidade, acabei seguindo-a e ouvi as questões que ela tão deselegantemente lhe formulou. Desculpe, não pude deixar de ouvi-las. Mas vi que ela rapidamente se satisfez e que parecia até algo aliviada. Será que o senhor poderia me dizer a resposta que lhe deu ao ouvi-la pedindo que cuspiisse seu chiclete? E o que foi que lhe disse sobre ela aguentar a felicidade? (JAFFE, 2017b, p. 103-104).

Esse “eu”, implicado no título, vem delineando-se aos poucos ao longo do enredo: “Eu mesma só sei de tudo isso porque, casualmente, me encontrava no mesmo ônibus e, por mera curiosidade, acabei seguindo-a” (JAFFE, 2017b, p. 101). Em outro trecho: “Não sei o que foi, mas fiquei bem perturbada. Enfim, não sou eu que estou em jogo aqui e sim Ana e o cego” (JAFFE, 2017b, p. 103).

Essa narradora “ousada”, imbuída de certa diplomacia, tem também a sua “grande revelação” no plano metaficcional que se inicia por um processo de estranhamento e singularização da escrita do outro e se efetiva pelo procedimento paródico. E, considerando que a epifania é reservada aos personagens principais, podemos considerá-la a grande protagonista do enredo de Noemi Jaffe.

### **Considerações Finais**

Apesar do recurso empregado na construção da narrativa de Noemi Jaffe ser a paródia, mediante a colagem do texto original e a “transcontextualização” de

personagens, o resultado do trabalho artístico é sempre um novo texto. A narrativa só é possível devido às lacunas de sentido projetadas no texto de Clarice Lispector e por personagens tão complexas que extrapolam o texto de onde se originam. Há muita coisa a ser dita sobre Ana.

Essa criação artística se dá por uma apropriação consciente do texto do outro e não de mera imitação do estilo literário. Nesse caso, a paródia surge como legítimo processo de criação artística. Noemi Jaffe dialoga com a narrativa consagrada, torna a própria Clarice Lispector personagem de seu conto, produzindo novos sentidos ao texto.

### Referências

BARTHES, R. **O rumor da língua**. 3ª ed. São Paulo: Martim Fontes, 2012.

CHKLOVSKI, V. A Arte como Procedimento. In: EIKHENBAUM, B. **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 39-56.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução J. Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAFFE, N. Caçadora de coincidências. **Rascunho**, Curitiba, out. de 2017a. Entrevista concedida a Marcio Renato dos Santos. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/cacadora-de-coincidencias/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Legião Estrangeira de Clarice Lispector e o efeito de estranhamento, com Noemi Jaffe. Campinas: Instituto CPFL. Gravado em 23 abr. de 2015a. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2015/04/23/a-legiao-estrangeira-de-clarice-lispector-e-o-efeito-do-estranhamento-com-noemi-jaffe/>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. O autor como leitor – Noemi Jaffe: 13 perguntas sobre livros e leitura. **Villas-Boas&Moss**, São Paulo, 19 mar. 2015b. Entrevista concedida a Luciana Villas-Boas. Disponível em: <<http://vbmlitag.com.br/index.php/2015/03/19/noemi-jaffe/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Não está mais aqui quem falou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

LISPECTOR, C. Amor. In: \_\_\_\_\_. **Laços de Família**. 12 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1982.

MASSAUD, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1997.